

FOTOS DA COLEÇÃO PARTICULAR DO AUTOR



Os irmãos Louis e Auguste Lumière

# CEM ANOS DE LUMIÈRE

Décio Drummond (\*)

**S**e os irmãos Lumière vissem, nas enormes telas dos cinemas de hoje, filmes com cenas de ação eletrizante ocupando todo o espaço do foco, certamente ficariam maravilhados - e orgulhosos de sua invenção.

Em 28 de dezembro de 1895, em Paris, quando os irmãos Louis (1864-1948) e Auguste (1862-1954) Lumière projetaram, de maneira muito rudimentar, numa parede branca, uma seqüência de 12 fotos por segundo, provocando a ilusão de movimento, nem sequer imaginaram que estavam dando o tiro de meta de um dos mais poderosos engenhos de nossa era.

As grandes descobertas, aquelas que propiciam a evolução da humanidade, se originaram freqüentemente de experiências feitas por cérebros privilegiados. Naquele dia de dezembro de 1895, a câmera e o projetor se separaram, o que abria perspectivas ilimitadas para uma invenção que se iniciara em 1867, quando o francês Étienne Jules Marey (1830-1904) realizou experiências com a cronofotografia, isto é, uma dúzia de fotos em seqüência, perfuradas lateralmente, permitindo a manipulação mecânica que levava à ilusão ótica de movimento.

Em 1878, nos Estados Unidos, Thomas Alva Edson (1847-1931) inventou o kinetógrafo, complicada engenhoca, semelhante a um fuzil que permitia ao olho humano, colocado numa das extremidades do cano, ver seqüências de fotos sendo mostradas no outro extremo. Ainda não havia um projetor.

De 1895 para cá, a descoberta realizada pelos Lumière tem passado pelos mais variados processos de aperfeiçoamento, até atingir o patamar em que hoje se encontra. Porém, basicamente, o processo é o mesmo. Atualmente, Cinema é Arte.

História, Geografia, Teatro, Literatura, Religião, Poesia e Dança têm fornecido farta matéria prima de que o cinema se serve para fazer filmes que percorrem o mundo, divertindo, esclarecendo, doutrinando, informando (ocasionalmente des-informando...), mas sempre - sempre - exercendo irresistível fascínio sobre todo tipo de público, desde o mais sofisticado das grandes capitais, até o mais simplório de





uma pequena cidade de província.

Seqüências de fotos manipuladas de forma a provocar a ilusão ótica de movimento. Sim, reduzida à sua expressão mais simples, cinema é isso. Entretanto, essa ilusão ótica pode vir carregada de significante e de referencial. É aqui que entra o diretor, ou cineasta, aquele que imprime sua visão pessoal, que dá conteúdo emocional e que empresta significado subjetivo às seqüências de fotos. Historicamente, a função do diretor teve início com Georges Méliès (1861-1938), em Paris, francês que, em 1902, realizou um pequeno filme, de alguns minutos (*Le Voyage dans la Lune*), no qual já se podia detectar a preocupação de impor uma marca pessoal às imagens.

Existem cineastas capazes de criar imagens tão pessoais e tão eloqüentes, que se tornam antológicos, freqüentemente citados e invariavelmente imitados. Existem quatro seqüências desse tipo, as quais, a meu ver, são as melhores de toda a história do cinema.

A primeira é do filme *La Dolce Vita* (1960), de Federico Fellini (1920-1994). A seqüência tem início com uma imagem de Cristo, esculpida em mármore, meio mutilada, suspensa de um helicóptero por correntes, sobrevoando a cidade de Roma, começando em Roma Vecchia, com suas ruínas históricas, berço do cristianismo, indo até Roma Nuova, supermoderna, onde se vão desenrolar os episódios do filme. Cristo, no ar, desprezado, mutilado, sobrevoa um mundo que parece não ter lugar para ele, nem mesmo para a sua representação em mármore.

A segunda seqüência pertence ao filme *Suspeita* (*Suspicion*, 1941), de Alfred Hitchcock (inglês, 1899-1980). Se o espectador entrar na sala de projeção no instante em que, na tela, Cary Grant está subindo uma escada de mansão, portando um copo que parece estar cheio de leite, tudo o que esse espectador verá é apenas isso: Cary Grant, sempre muito elegante e composto, subindo uma escada, tendo nas mãos um copo cheio de leite. Entretanto, o espectador que estiver assistindo ao filme desde o início, estará vendo essa mesma cena com as mãos crispadas de tensão e de expectativa. Essa seqüência é o clímax do filme e é a própria epítome daquilo que se convencionou chamar de "suspense hitchcockiano" e que é todo construído sobre um referencial. Esse "suspense" tem sido muito imitado, nunca com a mesma classe e mestria. Edouard Molinaro, tentou, mas se alongou demais e diluiu a expectativa. Brian De Palma tem tentado,



A famosa silhueta de Hitchcock

mas sempre acaba caindo no terror óbvio. Billy Wilder também tentou, mas seu senso de humor acabou prevalecendo.

A terceira seqüência é o massacre na escadaria de Odessa, em *O Encouraçado Potemkin* (1925), de Sergei Eisenstein (1898-1948), em que o povo é mostrado com dolorosa nitidez, enquanto os soldados só aparecem por detalhes das botas, dos quêpis e dos dólmans, jamais deixando ver que há seres humanos dentro das fardas, mas, ao contrário, mostrando sempre os sinais mais conhecidos da tirania e da opressão. Essa idéia foi, em 1927, aproveitada por Dovzhenko, em seu perturbador filme *Zvenigora*, no qual os soldados que invadem a Ucrânia são mostrados apenas por aqueles sinais de Poder.

Por último, a melhor entre as melhores de todas as seqüências: o baile de *O Leopardo* (*Il Gattopardo*, 1963) filme de Luchino

Visconti (1906-1976), baseado no livro de Giuseppe Tomasi de Lampedusa (1896-1957), publicado postumamente em 1958. No livro há um monólogo, um fluxo de consciência, indispensável para a compreensão da narrativa, que ocupa quatro páginas, no qual o protagonista, o Príncipe de Salina, reflete sobre os novos tempos, nos quais os valores éticos da aristocracia vão, pouco a pouco, sendo solapados, substituídos por uma sociedade ascendente em que as tônicas são a ganância, a lassidão dos costumes, a moral duvidosa, a vulgaridade, a ostentação e a desonestidade. Como transformar em imagens um trecho tão longo e tão literário? Visconti criou uma longa seqüência de baile, muito movimentada, magnificamente fotografada por Giuseppe Rotunno e musicada por Nino Rotta, durante a qual o príncipe percorre os salões de seu *palazzo*, enquanto os pares dançam, ou conversam, ou comem, ficando evidenciada a lenta derrocada da aristocracia, o fim das boas maneiras e do arraigado senso de decência, suplantados pela enorme quantidade de arrivistas, oportunistas vulgares, novos ricos exibicionistas, uma sociedade sem cerimônia nem medidas, que invade espaços e abre caminho a preço de dinheiro: chacais tomando o lugar dos leopardos, uma espécie em extinção. A seqüência termina com um *close-up* de Burt Lancaster, o rosto avelhantado e o olhar entristecido.

Bastariam essas quatro seqüências para que os irmãos Lumière se sentissem orgulhosos e realizados.

(\*) Décio Drummond é professor de Literatura.



Fellini dirigindo "La Dolce Vita"



Cary Grant

## Imprensa Médica periódica no Rio de Janeiro: Os "Arquivos Brasileiros de Medicina"

Pedro Henrique Miranda Fonsêca (\*)

Fundados por Juliano Moreira, Antonio Austregésilo (Direção científica), Eduardo Marques, Ernani Lopes, Gustavo Riedel, Mario Pinheiro, R. Duque Estrada, Raul Pacheco e Zophyro Goulart (Comissão de redação), os Arquivos Brasileiros de Medicina começam a circular em fevereiro de 1911.

Compunham-se em seus primórdios de um número destinado às contribuições originais e outro, suplementar, contendo matéria de natureza mais variada.

O número original apresentava, além dos trabalhos originais, uma seção de análises de revistas e monografias sobre os diversos ramos da medicina, e uma parte bibliográfica, com avaliação crítica das obras recebidas.

O número suplementar possuía as seguintes seções: Revista Geral, sobre assunto de atualidade e interesse prático; notas clínicas; seção permanente do cancro, justificada pela importância da sífilis para a época; atas de sociedades médicas nacionais, além de análises, interesses profissionais, informações sobre cursos médicos nacionais e estrangeiros, noticiários, etc.

Propunha-se o periódico a "... pugnar pela divulgação e valorização da nossa literatura médica no estrangeiro, seja dando de preferência notícia crítica de obras nacionais, seja inserindo como fecho de cada artigo original, um resumo de suas conclusões em francez, alemão ou inglez, seja ainda apontando os erros de citação, adulterações de sentido e omissão de referências, de que tão freqüentemente são vítimas os autores de língua portuguesa".

Ainda da sua apresentação vale a pena transcrever, pela sua atualidade, o seguinte trecho: "Nunca, entre nós, talvez, como hoje em dia, se apontassem tão numerosos exemplos de incompetência clamorosa e de ignorância imperdoável, ocorridos em nossa profissão.

... são esses casos lamentáveis quasi sempre de prompto divulgados, em detrimento exclusivo dos seus autores, a quem, entretanto, o mais das vezes, não devia tocar a responsabilidade inteira de taes erros.

Porque, seguramente, não terá decrescido o nível mental das novas gerações, e, por conseguinte, parece fora de dúvida, a grande causa e a magna culpa dos delictos apontados reside em ultima analyse nas deficiências actuaes do nosso ensino profissional."

De periodicidade mensal apresentou-se desde sua fundação até 1960; bimestral em 1961, e de 1982 aos dias atuais, e trimestral nos anos de 1962, 63, 67 e 68 sendo que não circulou nos seguintes anos: 1964/66; 1969/81.

A responsabilidade da redação esteve a cargo de Mário Pinheiro (1911 - 1943); José Pinheiro (1943 - 1951); Professor Luis Capriglione (1952 - 1953), quando os arquivos Brasileiros de Medicina incorporaram os arquivos clínicos da 5ª Cadeira Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (atual Faculdade de Medicina da UFRJ), passando a divulgar os trabalhos realizados nessa cátedra; Professor José Schermann (1953 - 1954); Professor Edgard Magalhães Gomes (1955 - 1960); Professor Clementino Fraga Filho (1961 - 1963); Professor Mario Barreto Correia Lima e Jacques Houli, quando aparece como órgão oficial da 1ª Cadeira Clínica Médica da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (atual Faculdade de Medicina da UNI-RIO); Editora Científica Nacional (1982 aos dias atuais).

Suas páginas têm acolhido contribuições de proeminentes nomes da Medicina Brasileira, tais como: Arlindo Assis, Antonio de Almeida Prado, Alvaro Ramos, Abreu Fialho, Antonio da Silva Mello, Afranio Peixoto, Carlos Chagas, Carlos da Silva Lacaz, Charles Edward Corbett, Fernandes Figueira, Figueiredo Mendes, Gaspar Vianna, Henrique Roxo, Jayme Neves, Jorge de Toledo, José Rodrigues da Silva, Luiz de Paula Castro, Miguel Couto, Miguel Pereira, Oscar Freire, Otávio de Freitas, Paulo da Silva Lacaz, Pirajá da Silva, Paulo de Góes, Rubem David Azulay, Vieira Romeiro, Zilton Andrade e Walter Tavares.

Hoje, apesar de alguns anos de silêncio (1964 - 66; 1969 - 81), os Arquivos Brasileiros de Medicina ainda são corrente, e como por ocasião do seu 33º aniversário, continuam a "... representar o pensamento médico nacional, o que aliás vêm conseguindo, em toda a sua longa e operosa existência, graças às normas de honestidade científica, de elevação cultural, que sempre nortearam a sua conduta."

(\*) Pedro Henrique Miranda Fonsêca é médico e membro da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.

## Espaço poético

### Receita de Ano Novo

Carlos Drummond de Andrade

Para ganhar um belíssimo ANO NOVO,  
cor de arco-íris ou da cor da sua paz,

ANO NOVO sem comparação com todo o tempo já vivido  
(mal vivido, ou talvez sem sentido),

Para ganhar um ano não apenas pintado de novo,  
remendado às carreiras,

Mas novo nas sementinhas do vir-a-ser,  
novo até no coração das coisas menos percebidas  
(a começar pelo seu interior),

Novo espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,  
mas com ele se come, se passeia, se ama, se compreende,  
se trabalha,

Você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita.

Não precisa expedir ou receber mensagens.  
(Planta recebe mensagens? Passa telegramas?).

Não precisa fazer lista de boas intenções,  
para arquivá-las na gaveta...

Não precisa chorar de arrependimento pelas besteiras consumadas.

Nem parvamente acreditar que, por decreto de esperança,  
a partir de janeiro as coisas mudarão e tudo será claridade,  
com recompensa e justiça, entre os homens e as nações,  
com liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,  
com direitos respeitados, começando pelo direito augusto de viver.

Para ganhar um ANO NOVO, que mereça esse nome,  
você, meu caro, tem de merecê-lo.

Tem de fazê-lo novo!

Eu sei que não é fácil...

Mas tente, experimente.  
Consciente!

É dentro de você que o ANO NOVO cochila e espera, desde sempre.

### Festa de Flores e Perfumes

Juarez de Oliveira

Ela me pede, insiste, eu não nego,  
assim me entrego a ela por inteiro,  
o corpo, a alma e mais o que pedir,  
há de convir, do acerto, o companheiro.

Jamais eu tive mulher assim tão pura,  
excelsa criatura essa que eu tenho agora,  
um mar de festa de flores e perfumes,  
ausência de queixumes já lançados fora.

Fruto do amor que eu sei correspondido  
eu tenho sido e, assim, eu quero ser,  
navegador eterno do prazer.

Há de entender o mundo esse caminho,  
que com carinho e fé agora eu trilho,  
e perdoar, se erra, esse seu filho!

## Vida Cultural

Saiu o último número da revista Storia Della Medicina e Della Sanità, dirigida pelo professor de História da Medicina de Siena, Itália, **Arnaldo Cherubini**. *Ocaderni internazionali* traz interessantes artigos históricos sobre epidemias, cirurgias, organizações manicomiais e eugenética na Idade Moderna.



Juarez Avelar acaba de lançar mais um livro: "Ensino da Cirurgia Plástica nas Faculdades de Medicina", pela editora Hipócrates. A obra divulga as técnicas e o ensino da cirurgia plástica, visando não só o estudante de medicina mas também todos que desejam aperfeiçoar-se na especialidade. O livro é dividido em seis seções, totalizando 45 capítulos, os quais versam sobre diferentes aspectos da cirurgia plástica nos seus mais variados segmentos. Além de vários capítulos escritos pelo autor, a obra conta com a colaboração de 32 eminentes profissionais que, a pedido do autor, escreveram sobre as suas respectivas áreas, o que vem a enriquecer a excelente e bem editada obra.



Na Livraria Cultura, no Conjunto Nacional, no mês de dezembro, **Lindgren Alves** lançou, em noite muito concorrida, o livro *Os Direitos Humanos Como Tema Global*. A importante obra foi editada pela Editora Perspectiva, contando com o apoio da Fundação Alexandre de Gusmão.



A Summus Editorial lançou a obra *O Bebê e a Coordenação* (Os gestos apropriados para lidar com a criança), de Marie-Madeleine Béziers e Yva Hunsinger. Obra pioneira que trata da coordenação motora dos bebês, dirigida tanto aos pais e pessoas que cuidam de crianças quanto aos terapeutas das áreas corporal e psicológica. As autoras procuram demonstrar, com palavras, fotos, desenhos, como nós podemos favorecer e participar do desenvolvimento neuromotor da criança. Para Béziers e Hunsinger, uma boa coordenação motora é fator de equilíbrio e de bem-estar, além de ser também a estrutura básica para o desenvolvimento harmonioso do psiquismo e das relações humanas. À medida que vai desvendando para os leitores os mecanismos do funcionamento motor da criança, vai também colocando formas práticas para o correto lidar com o corpo do bebê, tudo cuidadosamente explicado e ilustrado.



Ivo Pitanguy foi agraciado com o título de "Médico do Ano de 1994", pela Associação Médica de Israel, cujo evento ocorreu no clube "A Hebraica", durante concorrido jantar.

G.A.P.